

# Sobre o conceito de consciência\*

Neilane de Souza Viana\*\*

O livro *The feeling of life itself: why consciousness is widespread but can't be computed*, publicado em 2019, traz uma abordagem teórica acerca da *consciência*, seu conceito, função, atributos etc. O autor da referida obra é o neurocientista Christof Koch, mais conhecido por seu trabalho sobre a base neural da consciência. Koch é o presidente e cientista-chefe do Allen Institute for Brain Science, em Seattle. De 1986 a 2013, ele foi professor no California Institute of Technology (Caltech, Pasadena, EUA).

Diante disso, propõe-se, nesta abordagem, apresentar os apontamentos traçados por Koch no primeiro capítulo, estruturado em cinco tópicos e intitulado “O que é a Consciência?”

Koch (2019) inicia seu texto citando algumas sensações ligadas aos sentidos para então apresentar o conceito simples de *consciência como experiência*. Na visão do autor, qualquer experiência subjetiva – desde o aspecto material ao mais alto, como a sensação existencial de estar vivo – consciência.

Com base no pensamento Aristotélico, Koch considera que adquirir “um conhecimento seguro sobre a alma é uma das coisas mais difíceis do mundo”, pois a relação mente-corpo é tida como um “quebra-cabeça complexo perante os estudiosos da filosofia,

---

\* Resenha do livro KOCH, Christof. *The feeling of life itself: why consciousness is widespread but can't be computed*. Londres: MIT Press, 2019.

\*\* Doutoranda em Letras pela PUC/MG; Técnica em Assuntos Educacionais da UFVJM; Mestra em Ciências Humanas pela UFVJM. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5921-9996>.

psicologia etc. Nessa direção, o autor defende, para construir o conceito de *consciência*, que a experiência é a única forma de se conhecer o mundo. Isso nos faz refletir sobre a trajetória do ser humano, desde o nascimento até a morte, quando a partir de descobertas e experiências vividas diariamente, a começar pelos primeiros balbucios e primeiros passos, vão se constituindo elementos de sentidos que estruturam e edificam corpo e mente.

Koch (2019) retoma ainda o postulado de Descartes que vincula a consciência ao pensamento de existência – a partir dessa dedução do filósofo francês é que surgiu o dizer “penso, logo existo” (*Cogito, ergo sum*). No rol de argumentos para a construção da teoria conceitual de consciência, Koch inclui como exemplo a personagem Neo do filme *Matrix* (1999), que vive experiências conscientes ainda que de forma fictícia. Tal exemplo é atrelado ao argumento de que a experiência precede ao que se pode inferir sobre algo do mundo externo. Nas palavras de Koch, “a consciência é anterior à física”. A partir das experiências é que se constrói a imagem do mundo, as inferências etc.

No tópico “Negando a experiência de alguém”, Koch faz reflexões cotejadas em torno da consciência, baseadas na crença, ao afirmar que a dor ou o sofrimento de uma pessoa podem figurar apenas ilusão, sobretudo se a pessoa perceber/pensar que está confusa em relação à verdadeira natureza de suas experiências, da inexistência da consciência e, conseqüentemente, o sofrimento desapareceria. Por outro lado, para Koch, a consciência é a maneira como o mundo aparece e é percebido e, portanto, seria improvável esse tipo de negação da natureza autêntica da experiência.

Nas contribuições do filósofo Daniel Dennett com a formulação de Koch (no tópico Negando a experiência de alguém)

é considerada a existência da consciência, porém não se vê nada de especial, pois o exemplo de uma vermelhidão de uma dor, que muitos estudiosos denominam *qualia*, é tida como ilusão. Nesse aspecto, não se vê, por exemplo, nada de real na dor que se tenha nas costas, mas sim disposições comportamentais relacionadas à necessidade de permanecer imóvel ou deitado diante da dor. No entanto, Koch detém a visão de que se a consciência é uma ilusão compartilhada por todos, ela permanece uma experiência subjetiva; ou seja, não menos do que qualquer percepção. Assim, esse tópico nos faz repensar os olhares que envolvem as tentativas de conceituar consciência, a depender do campo de visão, o que se revela desafiador conforme tratado no tópico seguinte.

O tópico “O desafio de definir consciência como experiência” traça apontamentos das implicações que se têm quando o conceito de *consciência* parte do senso comum, pois só faz sentido para os seres conscientes, razão pela qual Koch afirma que a única desvantagem quanto à definição de consciência nessa ótica é que explicar *experiência* para um zumbi ou uma superinteligência, por exemplo, não faz sentido. Isso significa que a consciência tem a função de atribuir sentido às coisas, razão pela qual um fenômeno designa a forma como algo se manifesta para o sujeito. Por se tratar da maneira como as coisas aparecem para os sujeitos, Koch cita a “fenomenologia objetiva, definida por Nagel, como elemento ao nosso alcance”, pois esse aspecto objetivo está intimamente ligado ao comportamento visuomotor; como por exemplo o fato de qualquer organismo responder a estímulos visuais com alguma ação, seja uma mosca, um cachorro ou um humano. No entanto, a percepção subjetiva das coisas é distinta do comportamento visuomotor enquanto ação.

Trata-se do agir diante da radiação eletromagnética incidente em uma parte específica do espectro. Explicar sobre sentimentos a um zumbi pode ser bem mais difícil do que explicar a uma pessoa cega, pois ele não tem nenhuma percepção que se compare a de ver.

Para exemplificar esse desafio em definir a consciência, Koch (2019) menciona a maneira de um *software* fazer reconhecimento de rostos, por meio do processamento de extração de informações de pixels por algoritmos, como o que uma pessoa percebe ao olhar para alguém conhecido como a mãe ou irmã. Trata-se de experiências distintas, sendo que a primeira pode ser entendida como uma transformação da entrada e saída de dados, enquanto a segunda pode ser entendida como um estado de ser da pessoa ao olhar para alguém conhecido.

No tópico “Qualquer experiência é estruturada”, Koch (2019) expõe a *experiência* como uma condição sempre estruturada. Exemplifica o olhar direcionado para um determinado objeto em que o foco centrado em um elemento A ou B não exclui as relações espaciais de outros objetos existentes. Expõe, ainda, a possibilidade de experiências na dimensão espacial e em ambientes escuros em que a noção geométrica se estende a diversas direções. A experiência com os sentidos sensoriais também reflete uma complexidade, pois cada tem sua sensibilidade e percepção. Portanto, é possível compreender, diante dessa teia de possibilidades dos sentidos experimentados, uma certa incidência de moldagem do ser humano, pois as atitudes em relação à experiência podem constituir aspectos emocionais e, conseqüentemente, a identidade individual.

Nesse tópico referente à estrutura da experiência, Koch (2019) traz algumas interessantes indagações: O que eu sei

de minha experiência?; O que posso dizer positivamente que é verdadeiro para qualquer experiência? do A experiência materializada na condição estrutural revela a complexidade de que as sensações vão além da natureza intrínseca e estruturada, pois há individualidade, tempo, espaço etc.

O tópico “Qualquer experiência é informativa, integrativa e definitiva” apresenta a noção expansiva da experiência, pois Koch elenca três propriedades adicionais para qualquer experiência.

A primeira é a propriedade informativa, distintiva pela forma como é. É possível perceber que cada experiência possui uma carga de informações, grande quantidade de detalhes como cores, composições fenomênicas e específicas. Como exemplo, é possível identificar tais especificidades nas experiências ao assistir a diferentes filmes. Assim, cada experiência apresenta diferentes percepções, tempo, espaço e até manifestações de sensações, sejam olfativas, táteis, auditivas etc. Cada uma distinta a seu modo.

A segunda propriedade é integrativa e irreduzível a seus componentes independentes; ou seja, cada experiência é unitária, holística. Isso significa que quando se vivencia algo não se separa o corpo do local onde ocorre, ou seja, não se vê apenas uma parte do corpo; a experiência se dá por completo. Da mesma maneira, quando se houve um relato de uma lua de mel, há uma imagem distinta de um casal em momento romântico e não a imagem da doce substância (mel) produzida por abelhas além do satélite lua no céu.

A terceira propriedade trata de qualquer experiência definida em conteúdo e elemento espaço-temporal. Ao olhar para uma cena ou objeto é possível perceber o ambiente, o tempo, a

dimensão material; há o foco na direção do olhar. Assim, nas palavras de Koch, a experiência é o que é o conteúdo definido. De forma resumida, o autor afirma que toda experiência consciente possui propriedades distintas e inegáveis, uma vez que cada uma existe por si mesma, sendo estruturada, informativa, integrada e definida.

O último tópico, “Qualquer experiência tem um ponto de vista e ocorre no tempo”, nos revela que a consciência possui uma dimensão perceptiva dotada de subjetividade, pois os argumentos de alguns pesquisadores apontam que as experiências podem ter outras propriedades além das três elencadas anteriormente. A exemplo disso, observa-se que cada experiência vem com um ponto de vista único; ou seja, há o relato em primeira pessoa, a perspectiva do sujeito. Da mesma maneira, ao deslocar o olhar para um determinado objeto, há um local particular (escolhido). Assim, é importante o que se vê, o que se ouve, o que se sente em relação ao espaço comum. Além disso, esse centramento emerge da representação do espaço conforme é dado pelos sentidos visuais auditivos e táteis de cada pessoa.

A dimensão temporal é apresentada por Koch (2019) como domínios distintos: passado, presente e futuro, pois o primeiro engloba tudo o que aconteceu e, embora seja imutável, a maneira de lembrar fica suscetível a reinterpretações e demais ocorrências que violam a causalidade. O presente fica em posição de intermediário entre passado e futuro, sendo que este constitui a soma total de tudo que ainda não aconteceu, mas é aberto, contingente.

Portanto, cada experiência é estruturada em si mesma, é única e específica. Koch conclui perguntando: “How is it for you? What can I confidently state about the experiences of others? How can their experiences be studied in the laboratory?”

Diante da abordagem apresentada, compreende-se a consciência como *ser*, devido à sua unicidade em meio às dimensões sensorial e espaço-temporal que atravessam pela/na existência. A descrição dessa abordagem por (KOCH, 2019) contribui para explicar diversos fatos no campo da neurologia da consciência, bem como nas tentativas de medir seus componentes.

## Referências

KOCK, Christof. **The Feeling Life Itself: Why Consciousness Is Widespread but Can't Be Computed**. Massachusetts Institute of Technology: London, England, 2019.

Recebido em: 28/03/2022 // Aceito em: 07/10/2022.